

Sobre o necessário bem vindo canto do bem te vi

Em primeiríssimo lugar, a escolha do tema desse texto é muito muito especial. Todos nós que nos relacionamos amorosamente (apesar de todos os problemas-doenças que o amor familiar acarreta e sabemos, não são poucos) com nossos pais conhecemos a profundidade dessa relação e como é árdua a convivência com o tempo projetado no corpo de nossos amados, como é muitas vezes através deles que entendemos a efemeridade da vida física e/ou a beleza do fluir . Todos nós perdemos ou perderemos nossos pais, na melhor das hipóteses. A natureza exige de nós esse amadurecimento no amor e na dor, ao mesmo tempo. Difícil empreitada. E o texto trazendo com clareza justamente esse pós morte de maneira tão sincera e direta, nos coloca em contato com esse assunto que

precisa ser elaborado mas do qual fugimos até sermos surpreendidos - traídos por ele. Por isso, a leitura do texto me emocionou. Sim, não é tema novo, esse sofrimento da perda e da perplexidade diante da morte é quase clichê, mas “as vezes, somente os clichês preenchem o vazio”, citando o próprio texto.

Raquel, como artista que revela ser logo nas primeiras páginas, num dos momentos mais interessantes da dramaturgia, numa rebeldia diante do acontecimento, faz a crítica de Deus como mau diretor e roteirista. Raquel acusa o real de “amador”, de “bruto”. E reclama por uma cena mais elaborada, onde o moribundo e quem o ama podem ao menos dizer adeus e encerrar dignamente uma história tao longa, tão cheia de detalhes e afetos. Raquel e sua observação (as cruces na estrada, por exemplo), Raquel e sua reflexão de artista que reclama o controle da vida traz uma dimensão das mais ricas para o texto porque o retira da mera dor e o coloca como percepção e pensamento sobre a vida, através de alguém que

sente e elabora o impacto sofrido, alguém que nos abre uma dimensão superior do fato colocando-o como dramaturgia (de um Deus tosco, mas dramaturgia). Isso não alivia a dor, mas a torna passível de ser narrada, compartilhada, para que até mesmo aos poucos o humor possa voltar a passear pelas lembranças . As personagens pensam e falam sobre a dor e isso nos une a elas. Considero o olhar de artista de Raquel tão relevante, que senti falta do desenvolvimento desse olhar ao longo da dramaturgia.

Outro ponto alto é a cena dois, a visita de Barbara ao centro espírita. Ponto alto porque desenvolve uma situação concreta , com graça , para expor o tamanho da saudade e do desespero. Ou seja, não temos alguém falando sobre a saudade, mas a saudade é revelada em ações , diálogos que carregam a personagem de profundidade. Ela não fala de si, nós a vemos em ação, e não vemos só um lado, só a dor, mas a graça com que ela lida com isso, a porta que se abre para o público é mais vasta, mais interessante, tridimensional. A solidão que ela sente

está acompanhada, ela está em público, ela dialoga, ela está com pessoas no centro, e está mais só que nunca. Ela precisa acessar a única pessoa que interessa naquele momento e não tem meios. O texto tem outros momentos de muita beleza, mas essa cena ao meu olhar, traz os elementos de uma poesia mais pungente porque contraditória.

A cena três , num clima de partilha de coisas e fatos lembrados - mas com tensões - é cena importante porque se projetará na cena final e dialogará com ela, preparando-a, mas ao contrário da cena dois citada anteriormente , ela se desenvolve num ambiente já muito explorado , sem nenhum traço “insólito”, do empacotamento das coisas de quem morreu e de lembranças decorrentes desse momento. Creio que a encenação e as atrizes precisariam cuidar para que a cena não caísse em lugares dramáticos já muito explorados. Alguma radicalização (no sentido de achar raízes, sínteses de imagem, som, até palavras, gestos da raiz da intenção da cena...)

teria que acontecer no âmbito da linguagem para o florescimento dessa cena. Mas com isso não digo que é cena dispensável, não. Ela tem muita funcionalidade , é necessária para plantar as cenas seguintes, mas ela me apontou a possibilidade de diálogos mais garimpados, enfim, ela própria me fez pressentir a potência que ela teria se a lapidação dramatúrgica fosse mais rigorosa. Falo um pouco mais disso no fim do texto.

Já a cena quatro que desenvolve o assunto da memória, do esquecimento, do back up que não foi feito , embora com muita oscilação entre sínteses incríveis e algumas escorregadas pra uma auto reflexão mais pobre (no meu entender desnecessária diante da amplitude de outros trechos), apresenta ao leitor desenvolvimentos interessantíssimos como o trânsito da palavra nuvem - o lugar para onde se vai, ou o lugar para onde as informações deveriam ter ido - a palavra “salvar”, também usada de maneira desesperada

entre a salvação da dor da alma, e o salvar dados, enfim, a tecnologia, nossas vidas atuais, permeadas dela para diminuir nossa solidão, registrar nossas felicidades e perpetuá-las, tudo isso , diante da morte e do amor, embaralhado, confuso, insuficiente, com vírus, inseguro afinal. E milagre é conseguir recuperar do limbo o último momento gravado de quem morreu. Aqui sim temos uma maneira de organizar o pensamento, de revelar nessa obsessão de Barbara aspectos da vida atual, tentativas de segurar no cotidiano o que não mais pertencerá a ele, mas pelo menos a imagem, pelo menos aquele arquivo tem que poder ser recuperado, um fiapo da existência, a imagem. Isso me parece fundo, forte, tema que começa sendo explicado demais na primeira parte da cena, mas que ganha movimento logo em seguida. De qualquer maneira, mais uma vez, o texto exige que a atriz e a direção e todos trabalhem em sentido oposto à auto comiseração , a um tom de sofrimento mais óbvio, auto reflexivo somente. O trecho “As fotos são nossas tentativas frustradas de agarrar o tempo, de fixá-lo num porta retrato. De guardar

pra sempre uma memória.” é um exemplo de uma idéia que já foi escrita dessa mesma maneira muitas vezes, ela em si não traz nada de novo. Um olhar da atriz para uma foto, um gesto intenso em direção a essa foto, enfim , uma ação particular, escolhida, poética, da atriz poderia ser mais gorda de contradições que essas frases, elevar essa idéia “batida” a algum status de portal, de beleza . É claro que no teatro (o que trabalha com um texto) é sempre necessário o diálogo vivo entre atrizes-atores e texto e que este só literalmente ganha corpo na relação com atores-atrizes. É claro que não estou exigindo do texto que seja completo em si, que carregue toda complexidade em si. Sei que muitas vezes um “oi” bem colocado pode mover montanhas. Mas nesse caso me parece mais excesso que síntese , que mesmo assim pode nas mão de uma atriz que brinque com essa narração com leveza e traços não realistas de linguagem como por exemplo o spoken word , virar material que vem novo, apesar de já ouvido.

A cena cinco, onde recebemos tia Rita, encarada também como uma cena quase grotesca de uma figura que invade a dor de duas filhas em luto e esfaqueia feridas, li a cena com prazer. Cena perigosa , pois se não for encarada de maneira radical pode ser algo solto, uma informação que chega e não tem consequências. Mas a figura proposta traz coisas lindas para a cena. A começar por brilho. Traz ar, o lado de fora, a presença da mãe , de alguma forma. Mas é uma presença muito complexa, porque traz muito peso e más notícias e não vai ajudar a desmontar a árvore. Não é presença acolhedora e pacificadora, mas acirra o problema e assim empurra a ação. Revela ao ser inapta pra ajudar, o fato de que ninguém poderia ajudar nesse momento. A tarefa é das “heroínas” e elas tem que enfrentá-la e cumpri-la para avançar.

A cena seis , esse acerto entre as irmãs, a vida que se volta novamente pra si num movimento necessário do pós

morte, as irmãs que se encaram sem a mãe, juntas, guardando com cuidado esse “corpo árvore memória poesia”, devagar, com dor mas a dor que daqui a pouco e já, é poesia. E o texto acaba sendo um recorte direto e sem firulas do exato momento do enfrentamento do fim de um ciclo e início de outro. O diálogo entre as irmãs que inclui pérolas como “a fragilidade do enfeites”, a despedida lenta e cheia de detalhes de cada coisa, o anjo, a estrela, são, aí sim uma cena posta numa paisagem nada nova (a melancolia do desmontar uma árvore de Natal é bem conhecida) , mas a combinação dos elementos alavanca o realismo para uma expressão mais densa (simbólica? mítica? ritualística embora absolutamente inserida no cotidiano?). A ação de desmontar a árvore não é paralela , não traz uma contribuição como um elemento importante da situação . Ela é a própria magia, é tudo, a árvore se torna carne, cada enfeite aspectos de uma alma de mãe.

Sobre o canto do pássaro no final, confesso que me arrebatou a emoção e é sem dúvida uma finalização cheia de lirismo e alegria. Não vejo nisso senão qualidade. É necessário (sempre penso como atriz ou diretora) que esse momento seja tratado sem pieguice de nenhuma espécie porque é muito delicado e portanto qualquer força excessiva pode espantar a poesia, mas as boas novas que se anunciam sempre após as pancadas da vida e seus pássaros anunciadores são sempre muito bem vindos e estão acima de qualquer crítica!

Assim, essas minhas palavras que de absoluto não tem nada, que são resultado da minha história, desse tempo, das possibilidades muito limitadas do meu olhar, diriam sobre esse texto que nele se encontram idéias e desenvolvimentos de muita inteligência, e outros que parecem mais esquemáticos, menos complexos, mais senso comum. Percebo que a proposta por ser arriscada pede que nada que seja dessa natureza menos elaborada fique, que nenhuma frase seja menos

pertencente aquele ambiente poético que
outra. Que essa pequena bomba de luto-
morte e vida tenha potência máxima de
comunicação e de profunda comoção .

A handwritten signature in black ink, consisting of several loops and a horizontal line at the bottom. The signature is stylized and appears to be a personal name or initials.